

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua 31 de Janeiro, 165—GUIMARÃES

SAUDAÇÕES A VIZELA

Fomos os primeiros que aqui lançamos o grito de alarme contra a projectada criação do concelho de Vizela.

Não nos competia sair à frente da estacada. Mas, em face da indiferença ou desmazelo que notávamos da parte daqueles, que, embora tão apregoantes do seu amor à terra que adoptaram, ou melhor, que os adoptou, continuavam mudos e quedos, como se Vizela pertencesse a Vila Rial, Porto ou Brazil, sentimos a necessidade de não nos calarmos por mais tempo.

Receamos bem que já viessemos tarde. Mas, as nossas palavras provocaram, felizmente, uma reacção rápida, e porque, o acaso, também feliz, duma mudança de ministros, veio inutilizar trabalhos já feitos, ainda se pôde evitar mais este golpe nos justos e nobres interesses de Guimarães.

Golpe que seria rude, mas não irremediável, devemo-lo dizer.

A criação do concelho de Vizela, feita assim, de uma penada ditatorial, não poderia deixar de ser efémera.

Um dia, que não virá longe, — não nos corte a Censura porque é o próprio Governo que o diz — a normalidade constitucional há-de ser restabelecida. E, nessa altura, é inevitável uma revisão de toda a obra ditatorial.

O decreto da criação do concelho de Vizela não poderia resistir a essa revisão.

A lei determina, com minuciosidade, todas as condições, e bastantes são, a que deve satisfazer a criação de novos concelhos. E, cumpridas elas, ainda é necessário a autorisação do Poder Legislativo.

Na altura em que este tivesse de se pronunciar sobre o decreto ditatorial, verificaria que nenhuma dessas condições tinha sido satisfeita, reconheceria também, e facilmente, que os interesses de Vizela se prejudicariam imenso com o desmembramento de Guimarães e o decreto não obteria o indispensável *bill*.

Isto, no caso de se eternisar a actual situação política, porque, — e nada é impossível, neste mundo, principalmente em política —, se outra qualquer situação, por exemplo, a anterior, viesse a substituir a do 28 de Maio, então o caso nem chegaria ao Parlamento, porque uma penada desfaria o que outra penada tivesse feito.

Mas, tudo isto seria das mais desagradáveis consequências. Atritos enormes se teriam de vencer, interesses criados, de ordem particular, se iriam prejudicar. Bom foi que tal se evitasse; com isso exultamos e não podemos resistir ao desejo de afirmar que, para tanto, alguma coisa contribuímos.

Mas queremos, também, deixar aqui bem expresso que a nossa atitude de opposição à criação do concelho de Vizela tem, unicamente, a norteá-la a convicção em que estamos de que Vizela só teria a perder com a sua emancipação.

No dia em que nos demonstrarem que Vizela, ou qualquer outra povoação do concelho, alcançaria a realisação das suas justas aspirações sob a condição única da sua autonomia administrativa, não nos julgariamos com o direito de a tal nos opormos. Faltariamos a um dever de consciência, se contribuíssemos de qualquer forma para que qualquer parcela do nosso país continuasse impedida de progredir ou satisfazer as suas legítimas necessidades.

Mas essa demonstração, quanto ao que diz respeito a qualquer das povoações do nosso concelho, é que a julgamos absolutamente impossível.

E' necessário manter-se integro este aglomerado de população. A união faz a força, e essa força, acudindo, hoje, às Taipas, amanhã, a Vizela, depois ao Pevidem ou a S. Torcato, é sempre alguma coisa de importante e de eficaz, alguma coisa que se vê, como diz o povo.

Desmembrem tudo isto e nada fica. Qualquer das partes deste todo, que, assim unido, pode levar, hoje aqui, amanhã alem, o progresso e a vida, desde que esteja isolada nada poderá fazer, há-de, fatalmente, inexoravelmente, cair na estagnação.

Era o que aconteceria a Vizela, e porque o não queremos e porque temos a Vizela o mesmo amor que temos a Guimarães, e porque Vizela e Guimarães e todo o concelho, para nós não representa mais do que um todo indivisível, sem preferencias por este ou aquêlo ponto, foi por isso que combatemos e combateremos este ou qualquer outro desmembramento.

E, feita esta exposição, ninguém poderá duvidar da nossa sinceridade, ao afirmarmos que, tendo a notícia de que o conce-

lho se manterá integro, as nossas saudações vão tôdas, ardentes e do coração, para o povo de Vizela.

Porque o amamos e porque sentimos que um grande perigo, que sobre ele pesava, se afastou.

Partido Republicano Português

Na impossibilidade de se reunir com brevidade o Congresso Geral do P. R. P., o Directorio vai convocar com urgencia uma conferencia dos presidentes das Federações e das Comissões Municipais, e dos antigos parlamentares e ministros, para se assentar na orientação a seguir na actual conjuntura.

Outrosim, o Directorio, reconhecendo a necessidade de comunicar ao País as razões da atitude do Partido e os seus pontos de vista, vai distribuir brevemente um manifesto.

CONTRITOS

Convenceram-nos de que os membros da Comissão Administrativa da Câmara se tinham apressado a tomar os nossos lugares, para os fins que, largamente, têm sido desenvolvidos nos nossos numeros anteriores e aqui não repetimos para poupar, o mais possível, trabalho a Censura.

Bons, excellentissimos republicanos, tiveram a gentileza de nos abrir os olhos, mostrando-nos que não tinhamos razão alguma. Os snrs. comissários tinham accettato o lugar com sacrificio e por dedicação. Apenas tinham tido em vista, impedir que o sr. Gonçalo Meira e os monarchicos se apoderassem do Município; ali ficavam, na melhor das intenções, qual era a de não prejudicarem o plano de melhoramentos do nosso Partido e de atender os nossos correligionários como se nós proprios lá continuássemos. Pessimismo serviamos a Republica, e negra ingratião cometiamos, recebendo-os em ar de guerra.

Contritos, confessamos o nosso erro. E para maior penitencia dar-nos-emos ao cuidado de trazer para aqui aqueles factos, que vão chegando ao nosso conhecimento, demonstrativos da bondosa e servicial atitude que, para nós, sempre teem tido os illustres e dedicados amigos que nos fizeram

SÁTIRAS MODERNAS...

(Esta secção continúa triste...)

V I

Escutai!

Alma de Portugal! Sonho de Portugal!
Cidadãos, escutai a minha voz sincera,
A voz que exprime, sempre, a ância do Ideal
Tornado Realidade, e que já foi Quimera!

Sim: Ideal de a ver fulgir na nossa Terra
E a terra iluminada em halos de Beleza!
A República ecoou, desde a cidade á serra,
Em explosões de Luz, de Fôrça e de Grandeza!

República infinita e puramente altiva
Para todos que, assim, com alma a idealizaram!
D'uma morta Ilusão, tornou-se a Ilusão viva
E os Corações, então, mais alto palpitarão!

E, afinal, para quê?... Pergunto, para quê?...
Tanto baldado Amor e Sacrificio á tóa...
E' a traição que surge—é isto que se vê!...—
Desde a alfurja da vila á alfurja de Lisboa!...

Homens cheios de Fé d'um Portugal-Maior,
Onde está vossa Crença e Propaganda ardente?!...
Vosso Verbo onde está, soberbo e redemptor,
Que unia as Multidões na mesma Fé latente?!...

Que se calem o ódio e ambição — maldade!...
O' Homens, tende dô do Portugal-Tamanho!
Não façais com que a sua 'stoica Integridade
Caia um dia, de vez, nas garras dum extranhio!...

* * *

Há vinte anos que luto em prol da Liberdade!
Noites de febre intensa e pranto e alegria!
Umás vezes 'spalhando o Verbo da Verdade,
Outras vezes calcando o monstro Tirania!

Vinte anos já lá vão e tenho Saudade
Do tempo em que gritava: **abaixo a monarchia!**...
—Que vibre um Sol d'Amor, da Luz Fraternidade,
E a noite-reacção que esmague um Claro Dial!...

Vinte anos já lá vão e quedo-me a pensar
No tempo que perdi, com ância, a batalhar
Para um Dia, com Alma, alegremente ver

Entre honradas Nações honrada esta Nação!
Mas para que lutei?!... Tempo perdido, em vão...
Eu olho a minha Pátria e sinto-me morrer!...

DELFINO DE VIMARANES.

o favôr de nos preencher os lugares.

Por hoje referir-nos-emos á deliberação que, em sessão de 1 de Setembro, por proposta...
...foi tomada de considerar...
...e de nenhum efeito as nomeações feitas e contratos realisados posteriores a 28 de Maio pela Câmara dissolvida.

Foi o sr. Presidente basear-se num decreto, sem pés nem cabeça, a que, em nenhuma parte, foi dada applicação; o sr. Presidente saberia, com certeza, porque, na comissão, ha um homem de leis, que esse decreto não tem consistencia juridica; nenhum tribunal o pode acatar. Mas, tal era o desejo do sr. Presidente e da

sua comissão de serem agradaveis aos democraticos, que não resistiram ao emocionante prazer da inutil e caricata anulaçõesinha...

E nós, tão tôlos, que não percebiamos estas demonstrações de affecto e simpatia!...

Mas ha mais, e elas irão vindo a lume para edificação daqueles republicanos que tanto choramingam porque batemos em republicanos, como se tal fizesse mal á Republica e ao prestigio da Republica não importe que nos enxovalhem a nós, que tambem somos republicanos, e já o eramos, de cabeça erguida, antes deles.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA.

